
RESENHAS

Resenhas

CARBULLANCA NÚÑEZ, César. *Análisis del género pescher en el Evangelio de Marcos: formas y motivos*. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2007, 492 p. (Annales de la Faculdade de Teología, v. 58, cuaderno 1).

O que está escrito acontece em nossos dias: um estudo do péxer

*Archibald Mulford Woodruff**

Foi na Universidad Comillas de Madrid (Espanha) que se apresentou este estudo como tese de doutoramento, sob a orientação de Julio Trebolle Barrera. O livro é uma “adaptação” da tese e uma obra de grande peso. O autor, atualmente, é docente da Universidad Católica del Maule, em Talca (Chile)

O *péxer* é um tipo de constatação feita acerca de um texto bíblico e encontrada na literatura de Qumran (Manuscritos do Mar Morto). Carbullanca defende que o *péxer* também existe no Evangelho de Marcos.

Na literatura qumrânica se encontra, tipicamente, a expressão “A interpretação (*péxer*) [da citação anterior] é...”. Na metade do século XX, aproximadamente, foi publicado o *péxer* de Habacuque. Leitores encontraram um texto em hebraico de dois capítulos do livro profético, comentado. Daí, o *péxer* seria um tipo de comentário bíblico ou, no contexto judaico, um tipo de midrax. Tal visão do *péxer* era simples demais e teve que ser modificada ao longo dos anos. Outros textos qumrânicos que contêm *pexarim* foram publicados, e outros *pexarim* foram encontrados dentro de textos já conhecidos, como o Documento de Damasco. Muitos *pexarim* não formam comentários bíblicos como o de Habacuque. O que eles têm em comum é a forma de expressão, com variantes, e um certo jeito de relacionar o texto do passado com o tempo do intérprete. Pode-se dizer que, se o *péxer* por um lado é uma interpretação, por outro lado é uma profecia. Seu estudo deles amadureceu ao longo de meio século, como Carbullanca documenta e analisa.

* Professor de Literatura do Mundo Bíblico no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.
Endereço eletrônico: archibald.woodruff@metodista.br.

Num longo capítulo, o autor estuda vários *pexarim* de Qumran, sempre tratando o *péxer* como gênero literário e observando as variações no gênero, em diálogo com a história da interpretação. Ele entende que um *péxer* relaciona o texto interpretado ao tempo do intérprete, que este entende como pertencendo aos últimos tempos; portanto, o *péxer* é sempre escatológico. O seu estudo fornece um grande panorama da escatologia qumrânica, repleto de exegese detalhada de vários textos qumrânicos.

Enquanto o estudo do *péxer* passou por uma evolução, o estudo dos evangelhos também evoluiu, não somente do Evangelho de Marcos, que Carbullanca aborda diretamente, como também da Fonte Q, que pode ter sido usada por Marcos (e que com quase certeza foi um precursor de Marcos). A bibliografia existente sobre Marcos é uma riqueza que ninguém domina, mas Carbullanca fez um bom uso desta literatura.

Chegando a Marcos, o autor presta muita atenção a Mc 1,2-8 como “midrax escatológico” (p. 234), entrando na exegese de Marcos e até na crítica textual. Mc 1,2-3 é uma citação composta que se encontra em quase a mesma forma na Fonte Q (Q 7,27). Marcos, diz Carbullanca, adere ao princípio “o profetizado é narrado” (p. 239). Mc 9,11-13 seria um *péxer* de Mt 3,23 (p.277-278) e, aliás, um *péxer* precedido por uma visão, que ele considera importante (p.306-309). Afinal, um *péxer* é, mesmo, uma profecia. Mc 4,10-13 seria um *péxer* de Is 6,9 (p. 310-342) e Mc 14,37-31 seria um *péxer* de Zc 13,7 (p. 342-377). Carbullanca trabalha com estes textos detalhadamente, sempre mostrando uma sintonia entre Marcos e outros leitores do Antigo Testamento existentes na época. Em todos estes textos, Marcos entende que o texto antigo se refere ao que acontece no seu tempo. Outros exemplos podem ser acrescentados, talvez com menos respaldo em outras leituras judaicas (Mc 6,34 com Nm 27,17; Mc 7,6-7 com Is 29,13; Mc 12,10-11 com Sl 118,22-23; Mc 12,36 com Sl 110,1; Mc 13,26 e 14,62 com Dn 7, para não falar das múltiplas alusões vétero-testamentárias na cena da morte de Jesus). Sobre a tese central, existe pouca dúvida: para Marcos, o que foi escrito pelos profetas acontece nos dias dele. Que estes dias de Marcos seriam os últimos dias, cabe citar Mc 8,38-91 e conferir as outras leituras da época.

Para Carbullanca, uma mesma coisa acontece no *péxer* do primeiro século e na América Latina: uma ruptura que desconsidera o contexto antigo de um texto para proclamar que o texto foi escrito (ou falado) *por nós*. Sobre esta colocação cabe debate.

O livro merece ser lido e consultado, mas não é um livro para um leitor com pressa ou sem paciência. O autor volta a um tema várias vezes no livro, dando a impressão de ser repetitivo. Isto é, em parte, um vício de um gênero literário bem particular: a tese de doutoramento. As notas de rodapé citam autor e título curto, o que é bom, mas para maiores informações o leitor tem que consultar não somente a bibliografia, mas o parágrafo certo dentro da bibliografia.